

Artigo

# Reflexões sobre as posições epistemológicas de Richard Hartshorne em *The Nature Of Geography*

Fernando José Coscioni

p. 011 – 024

revista

**Geo**   
**USP**  
espaço e tempo

Volume 19, nº 1 (2015)

ISSN 2179-0892

Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/83557>

## Como citar:

COSCIONI, F. J. Reflexões sobre as posições epistemológicas de Richard Hartshorne em *The Nature Of Geography*. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 011-024, 2015.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

# Reflexões sobre as posições epistemológicas de Richard Hartshorne em *The Nature of Geography*

---

## Resumo

Este artigo expõe e analisa alguns aspectos da discussão teórico-metodológica sobre a natureza da ciência geográfica presentes na obra *The Nature of Geography* (1939), de Richard Hartshorne (1899-1992). Analisam-se a definição do propósito da geografia formulada pelo autor e algumas de suas reflexões sobre a relação entre os enfoques sistemático e regional na disciplina. Essas questões se discutem a partir de uma preocupação mais ampla com a compreensão do papel do autor na geografia acadêmica do século XX e com a operação de mecanismos constitutivos do campo científico em sua obra.

**Palavras-chave:** Richard Hartshorne. *The Nature of Geography*. Epistemologia. Geografia sistemática. Geografia regional.

---

## Reflections on the epistemological positions of Richard Hartshorne in *The Nature of Geography*

---

### Abstract

This article seeks to expose and analyze some aspects of the theoretical-methodological discussion about the nature of geographical science that are present in the work *The Nature of Geography* (1939) written by Richard Hartshorne (1899-1992). We'll review the definition of the purpose of Geography formulated by the author and then discuss some reflections offered by Hartshorne regarding the relationship between systematic and regional approaches in the discipline. The analysis of these issues will be made from a wider concern with the understanding of the role of the author in academic Geography of the twentieth century and with the operation of constituting mechanisms of the scientific field in his work.

**Keywords:** Richard Hartshorne. *The Nature of Geography*. Epistemology. Systematic Geography. Regional Geography.

---

## Introdução

O estadunidense Richard Hartshorne (1899-1992) é considerado um dos grandes teóricos de fôlego da geografia do século XX. O autor deixou um extenso legado para a disciplina em importantes obras e artigos publicados, sobretudo, entre as décadas de 1930 e 1960. Entre as contribuições de Hartshorne, *The Nature of Geography* (1939) destaca-se como obra que o projetou no cenário intelectual da geografia mundial. O intento de Hartshorne nessa obra foi a realização de uma reconstrução minuciosa do desenvolvimento histórico do debate teórico-metodológico em geografia desde as décadas finais do século XVIII até a terceira do XX, com o objetivo de daí extrair uma síntese que pudesse fundamentar uma definição clara do papel da disciplina perante o conjunto das ciências. Esta obra ocupa um lugar de destaque no debate teórico-metodológico da geografia da primeira metade do século XX, tanto pelo largo domínio demonstrado por Hartshorne das contribuições dos geógrafos alemães, como pela grande abstração teórica de seus argumentos, características pouco comuns na história da disciplina até a época de sua publicação.

Neste artigo pretendemos analisar alguns aspectos da trajetória de Hartshorne e logo em seguida faremos uma apreciação crítica de duas questões epistemológicas centrais presentes na referida obra. A primeira dessas questões refere-se à definição do papel e do escopo da geografia. A segunda questão consiste em uma reflexão sobre a forma como Hartshorne equacionou o problema da relação entre os enfoques sistemático e regional na disciplina. A análise dessas duas questões e da trajetória de Hartshorne será balizada pela preocupação com um problema de pesquisa mais amplo que visa compreender o lugar do autor na geografia acadêmica do século XX a partir da reflexão sobre a operação de alguns mecanismos constitutivos do campo científico em sua obra.

## Elementos da trajetória de Hartshorne

Hartshorne estudou na Universidade de Princeton, onde ingressou em 1917. Enquanto lá esteve, elegeu a matemática como seu principal campo de estudos, mas, após se graduar, em 1920, outros temas passaram a interessá-lo mais. Hartshorne relata em entrevista concedida em 1972,<sup>1</sup> que ao tomar contato com a obra de Ellsworth Huntington<sup>2</sup> seu interesse pela geografia cresceu, e em uma carta enviada a este geógrafo, afirmou estar muito interessado em saber quais oportunidades existiam para alguém que pretendesse passar a sua vida dedicando-se ao estudo e desenvolvimento da geografia tal como definida por Huntington. Este último sugeriu em sua resposta, que Hartshorne procurasse ingressar nas universidades de Columbia, da Pensilvânia ou de Chicago. Huntington era o único geógrafo residente na Universidade de Yale, e não poderia aceitar Hartshorne como aluno de doutorado, pois o departamento de geografia dessa universidade havia sido extinto em 1915 (Martin, 1994, p. 480).

Hartshorne seguiu o conselho de Huntington e em março de 1921 ingressou no departamento de geografia da Universidade de Chicago, onde tomou contato e teve aulas com nomes como Derwent Whittlesey, Robert Platt, Harlan Barrows e Charles Colby. No entanto, foi com Wellington Jones que Hartshorne desenvolveu o relacionamento mais próximo.

1 Parcialmente transcrita por Martin (1994, p. 481).

2 Geógrafo estadunidense do início do século XX.

Hartshorne participou do curso de Jones sobre os ambientes de Chicago e do curso de Colby sobre o comércio e o transporte nos oceanos, e isso o levou a escolher como tema de tese de doutorado um estudo sobre o tráfego nos Grandes Lagos do nordeste estadunidense e a importância dos portos da área de Chicago. Tal escolha colocou Hartshorne sob a orientação de Jones em sua tese (Martin, 1994, p. 481).

A escolha da Universidade de Chicago por parte de Hartshorne pode ser atribuída à recente autonomia que a geografia acadêmica adquirira nos EUA na década de 1920 e ao protagonismo dessa instituição da consolidação da disciplina no país. O oferecimento de cursos de graduação e doutorado em geografia começou apenas em 1903 com a criação de um departamento de geografia em Chicago. Essa universidade foi a primeira nos EUA a conferir um doutorado em geografia no ano de 1907 (Bushong, 1981, p. 203).

Antes disso a geografia era comumente encontrada em departamentos de geologia ou de “geologia e geografia”. Figuras importantes da geografia do período compreendido entre o fim do século XIX e início do século XX, como W. M. Davis (fundador da Association of American Geographers [AAG] em 1904), Harlan Barrows e Rollin D. Salisbury (que foi o responsável pela fundação do departamento de geografia em Chicago) vieram da Geologia para a nova disciplina em fundação (Rugg, 1981, p. 187).

Durante muitos meses Hartshorne trabalhou em “The Lake Traffic of Chicago”, sua tese de doutorado, que foi obtido com uma excelente performance no exame final em agosto de 1924. Logo após a obtenção do doutorado, Harlan Barrows, membro do departamento de Chicago, mediou a ida de Hartshorne para um posto no recém-estabelecido departamento de geografia na Universidade de Minnesota. Durante os 16 anos que permaneceu na Universidade de Minnesota, Hartshorne ministrou cursos introdutórios em geografia econômica e passou também posteriormente a se interessar largamente pela geografia política. Suas publicações em geografia econômica abordaram uma diversidade de temas referentes à geografia dos EUA: a localização das indústrias de ferro e aço, a geografia das manufaturas, a importância do tráfego dos lagos para a produção de grãos da área de Chicago (que em certa medida é um desdobramento de seu doutorado), entre outros temas (Martin, 1994, p. 483).

Os estudos de Hartshorne sobre geografia econômica ajudaram a alimentar o seu interesse pela geografia política. O autor tomou contato com os trabalhos de Isaiah Bowman e James Fairgreve, e também passou a ler mais sistematicamente neste período a literatura geográfica de língua alemã, fato que seria fundamental para a publicação de *The Nature of Geography* em 1939. Durante a década de 1930, as publicações de Hartshorne se alternam entre alguns temas de geografia econômica já abordados nos anos 1920 e entre temas de geografia política, especialmente ligados à dinâmica das fronteiras políticas da Europa no pós Primeira Guerra (Martin, 1994, p. 483).

Durante os anos 1930, a produção de Hartshorne em geografia política ganha certa importância, tanto pelo escopo de suas análises, que buscavam fazer um exame detalhado dos trabalhos até então disponíveis, como pelo rigor com que o autor reconstruiu as contribuições dos geógrafos alemães, difundindo-as no pensamento geográfico dos EUA, realizando um claro investimento com o objetivo de fortalecer esta sub-disciplina em um contexto em que esse tipo

de estudo revelou-se como essencial para as demandas das grandes potências.<sup>3</sup> Esse objetivo de compreender mais claramente as contribuições da geografia que se desenvolveu na Alemanha, também levou Hartshorne a aprofundar seu estudo da língua alemã (Martin, 1994, p. 483).

Na terceira década do século XX, Hartshorne também se tornou mais preocupado com o fato de que não havia um acordo mínimo entre os geógrafos estadunidenses respeito da definição daquilo que constituiria o propósito da geografia como disciplina. A fisiografia de W. M. Davis, o estudo do determinismo ambiental, uma emergente geografia cultural (encarnada principalmente nos escritos de Carl Sauer), e a ecologia humana (posição que havia sido fortalecida por um importante artigo publicado por Harlan Barrows em 1923) ofereciam algumas variedades em competição pelo monopólio da definição daquilo que a geografia deveria ser. A colisão dessas concepções nos encontros anuais da AAG inquietou Hartshorne, que notou que um entendimento mais claro da natureza e dos propósitos da geografia era um pré-requisito essencial para o estudo geográfico (Martin, 1994, p. 484).

Em 1938, Hartshorne foi à Europa com o objetivo de realizar um estudo de geografia política sobre a área da bacia do rio Danúbio, porém, as condições políticas do momento o impossibilitaram de realizar tal estudo. Em sua estadia na Europa, Hartshorne foi recebido pelo geógrafo austríaco Johann Solch, que lhe proporcionou acesso às bibliotecas da Universidade de Viena, e então o autor acabou abandonando o seu objetivo original que era estudar a geografia Política daquela área, para aprofundar seu estudo bibliográfico a respeito de questões teórico-metodológicas da disciplina (Martin, 1994, p. 484).

No verão de 1939, Hartshorne retornou aos EUA carregando um manuscrito de centenas de páginas e se encontrou com Derwent Whittlesey, então editor dos *Annals* da AAG. Whittlesey persuadiu os membros do Conselho da AAG a publicar o manuscrito (que estava com quase 500 páginas) em sua integralidade. *The Nature of Geography: A Critical Survey of Current Thought in the Light of the Past*, foi publicado em dois números dos *Annals* da AAG em 1939 e logo depois em livro. Para R. Johnston (1986, p. 63), a obra “se tornou a maior contribuição filosófica e metodológica à literatura geográfica então disponível em inglês”. Em uma argumentação parecida, Paul Claval (1974, p. 111) afirmou que o livro se converteu, a partir de então, em uma obra chave, para todos aqueles que se interessavam pela história da ciência geográfica, e que os conceitos trazidos por ele, passaram a ser utilizados e ampliados por um grande número de geógrafos estadunidenses.

A meta de Hartshorne era, nas suas próprias palavras, em carta enviada a Whittlesey em dezembro de 1938, “[...] trazer uma ideia suficientemente clara do que o campo da geografia é – não do que deveria ser [...]” (Hartshorne apud Martin, 1994, p. 485). A empreitada encarnada em *The Nature of Geography* é uma consequência dessa disposição em ambicionar definir claramente, a partir de um exame detalhado dos escritos teórico-metodológicos dos

3 É importante notar que o notável crescimento de publicações de geografia política registrado no período coincide com o agravamento das tensões internacionais dos anos 1930 (Costa, 2008, p. 160). Podemos interpretar esse crescimento como a manifestação de uma tendência heterônoma (Bourdieu, 2003, p. 22-23) ligada a interesses políticos que incidiu sobre o campo disciplinar como um todo e sobre a trajetória de Hartshorne. Quando falamos em tendência heterônoma, pretendemos acentuar o papel de uma lógica externa a determinada disciplina acadêmica na estruturação de sua problemática interna.

geógrafos do passado, aquilo que a geografia é.<sup>4</sup> A ideia do campo científico, concebido como universo de disputas pela manipulação legítima dos bens científicos e pela definição das finalidades, objetivos e métodos da ciência (Bourdieu, 2008, p. 67-68), evidencia-se de maneira bastante clara no contexto do pensamento geográfico estadunidense da década de 1930. No caso de Hartshorne, os bens científicos dos quais o autor se apropria para legitimar sua posição em *The Nature of Geography*, são os escritos teórico-metodológicos dos geógrafos europeus, com especial ênfase para as discussões da geografia alemã.<sup>5</sup>

A obra foi lida por grande parte dos membros da AAG e por boa parte dos estudantes dos departamentos de geografia dos EUA nos anos que se seguiram à sua publicação. A história da geografia, seu escopo, seus métodos, e as raízes europeias do pensamento geográfico que se desenvolveu nos EUA foram bastante examinados pela comunidade geográfica estadunidense neste período. Nos anos pós 1945, a obra se tornou uma fonte fundamental para as discussões históricas e epistemológicas da disciplina.<sup>6</sup> O autor recebeu cartas de entusiasmo pela publicação da obra de uma série de geógrafos dentro e fora dos EUA, entre os quais podemos destacar: Alfred Hettner, Otto Schluter, Johann Solch, John Leighly, Léo Waibel, Griffity Taylor e Wellington Jones (Martin, 1994, p. 485).

Dada a rarefação no círculo de ideias do pensamento geográfico de trabalhos que tratassem do tema com a extensão, a profundidade e o rigor de pesquisa histórica encarnado em *The Nature of Geography*, a obra se tornou uma das maiores referências de toda a história da geografia anglo-saxônica. Os qualificativos de “contribuição vigorosa” (Souza, 1989, p. 7), “texto padrão” da epistemologia geográfica (Entrikin, 1989, p. 9-10), “obra-chave” (Claval, 1974, p. 111), “maior contribuição filosófica e metodológica à literatura geográfica, até então disponível em inglês” (Johnston, 1986, p. 63), atestam a força da imagem pública associada à obra de Hartshorne.

A obtenção de capital científico, que é uma espécie particular de capital simbólico fundado no conhecimento e no reconhecimento (Bourdieu, 2008, p. 53), certamente foi uma das consequências do impacto de *The Nature of Geography* e da autoridade conferida à obra de Hartshorne como uma referência fundamental para as discussões em torno da história e da epistemologia da disciplina. Existir cientificamente significa ter “algo mais”, significa sobressair-se através de uma contribuição distintiva que é sustentada pelas categorias de percepção em vigor no campo que são operacionalizadas pelos juízos dos pares (Bourdieu, 2008, p. 80). No caso de Hartshorne, pode-se dizer que os qualificativos que aparecem em referência a sua principal obra evidenciam a existência de um grande peso simbólico associado aos seus escritos.

4 A determinação do estado da arte da disciplina no presente e a reconstrução histórica de seu passado são duas tarefas indissociáveis para Hartshorne. Em seu entendimento, a compreensão da situação presente da disciplina e a determinação de sua natureza só são possíveis a partir do exame crítico do passado.

5 *The Nature of Geography* tem 400 referências bibliográficas, número elevadíssimo para o padrão usual das discussões teórico-metodológicas da geografia da época.

6 Em comentário redigido na ocasião da segunda edição de *The Nature*, Lester Klimm afirma que, na tentativa de determinar o impacto da obra na educação dos geógrafos, em 1947, endereçou-se um questionário a 17 departamentos de geografia nos EUA e no Canadá, onde se elaboraram 150 dos 162 doutorados completados entre 1935 e 1946; 16 responderam: 15 afirmaram usar a obra como leitura em algum curso, sete disseram requerer familiaridade com ela dos candidatos ao título de doutor e quatro, que exigem familiaridade com a obra dos candidatos ao título de mestre (Klimm, 1947, p. 486-490). Esses dados evidenciam empiricamente a força que a obra de Hartshorne obteve na comunidade geográfica estadunidense nos anos seguintes à sua publicação.

Dois anos após a publicação de *The Nature of Geography*, em 1941, em virtude do contexto de envolvimento dos EUA na Segunda Guerra Mundial, Hartshorne foi chamado para integrar a seção de geografia da divisão de pesquisa e análise do Office of Strategic Services (OSS), instituição mantida pelo governo estadunidense com o objetivo de agregar uma *intelligentsia* que produzisse um conhecimento que fosse instrumentalizável pelos interesses de guerra do governo.<sup>7</sup> Durante os anos de guerra em Washington, houve uma grande concentração de geógrafos trabalhando não apenas no OSS, como também no Departamento de Guerra e na Divisão de Inteligência. O número de geógrafos trabalhando para instituições governamentais em Washington chegou a 300 neste período. Essa grande concentração de geógrafos ali trabalhando durou até 1945, ano em que a conflagração mundial terminou. Nesse mesmo período, em 1940, Hartshorne se transferiu da Universidade de Minnesota para a Universidade de Wisconsin, onde permaneceu até a sua aposentadoria em 1970, tornando-se professor emérito desta instituição (Martin, 1994, p. 488).

### **Agenealogia histórica de *The Nature of Geography* e a posição de Hartshorne**

Dos 12 capítulos de *The Nature of Geography*, o segundo, intitulado “The nature of Geography according to its historical development”, é o ponto da obra em que a reconstrução histórica atinge sua maior profundidade e detalhamento. O autor inicia sua argumentação ressaltando que, embora as raízes da geografia como uma forma de saber remetam à Antiguidade Clássica, ela só se estabelece como uma ciência moderna entre 1750 e 1850, com especial destaque para as décadas finais do século XVIII em diante, quando começam a aparecer os trabalhos dos estudiosos alemães Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859). Para o autor, a influência do trabalho desses dois estudiosos em todo o pensamento geográfico subsequente justifica uma referência a eles como os primeiros mestres da geografia moderna, e como importantes nomes do que chama de “período clássico” na história do pensamento geográfico (Hartshorne, 1939, p. 35).<sup>8</sup>

O princípio trazido por Ritter, em vários de seus escritos que aparecem após 1804, foi a alegação de que a geografia deveria ser uma ciência empírica, ao invés de um conhecimento deduzido de *a priori* filosóficos ou de teorias de uma suposta “geografia geral”. Ritter defendia a necessidade de se proceder de observação para observação para a produção do conhecimento, e não de hipóteses ou opiniões, para posteriormente, tentar verificá-las através da observação. Ritter acreditava que existiam leis que governavam os fenômenos humanos e não humanos na Terra, e que ao juntarmos os fatos e relações observados nas áreas, eles poderiam tornar possível a afirmação de tais leis (Hartshorne, 1939, p. 54).

7 Trevor Barnes argumenta que esse tipo de trabalho de inteligência continuou sistematicamente após a Segunda Guerra e esteve na base da criação de agências nacionais de inteligência como é o caso da CIA, fundada em 1947 (Barnes, 2006, p.150).

8 No capítulo 2 de *The Nature*, Hartshorne faz referências pontuais a trabalhos de outros estudiosos da segunda metade do século XVIII que também contribuíram para o posterior desenvolvimento do saber geográfico. Dentre eles, estão August Leopold Bucher, Johan Christoph Gatterer, J. R. Forster, George Forster na Alemanha e Phillipe Buache na França. Além dessa menção a autores pouco conhecidos da segunda metade do século XVIII, existem referências pontuais ao trabalho de Bernard Varenius, que data da segunda metade do século XVII.

Hartshorne salienta também a importância que Ritter dava à organização das informações que deveriam ser acumuladas a respeito das diversas áreas do mundo. A multiplicidade de informações, tanto as extraídas de fontes bibliográficas, como as extraídas diretamente em observações de campo, deveria ser organizada de acordo com o princípio corológico. Isto não significa, no entanto, uma simples acumulação de dados referentes a cada área do mundo, mas um desejo de mostrar a relação coerente de causa e efeito da multiplicidade de elementos que constitui o caráter essencial de uma área, procedendo assim, das relações simples para as complexas, com o objetivo de estabelecer a totalidade dos elementos inter-relacionados que distingue uma determinada área de outras áreas (Hartshorne, 1939, p. 55-56).

Para Humboldt, a geografia não era um tipo de saber a ser estudado como um fim em si mesmo, mas como um meio de compreender a harmoniosa unidade do “cosmos”, concebido como um “todo vivo”, dotado de unidade em meio à multiplicidade de sua realidade. Em sua concepção, o homem seria uma parte de um todo constituído pela unidade da natureza. O estudioso alemão defendia a ideia de uma coerência orgânica de todos os fenômenos, posição que também é defendida por Ritter (Hartshorne, 1939, p. 65).

Para Humboldt e Ritter, o conceito de unidade da natureza presumia uma inter-relação causal de todos os seus elementos individuais. Os fenômenos da natureza eram estudados com o objetivo de estabelecer sua coerência e unidade. Para os dois era axiomático que a unidade da “natureza” incluísse tanto o inorgânico quanto o orgânico, o humano como o não humano, o imaterial como o material. A exclusão de qualquer parte seria não apenas arbitrária, mas poderia destruir a coerência e a unidade do todo (Hartshorne, 1939, p. 67).<sup>9</sup> O conceito de unidade da natureza foi carregado pelos dois autores em sua consideração das áreas individuais, e todos os elementos de tais áreas em sua interconexão eram concebidos como parte de um complexo naturalmente unificado (Hartshorne, 1939, p. 68).

O problema de explicar a diferenciação das áreas da superfície terrestre e o papel do inter-relacionamento dos mais variados fenômenos em sua estruturação, aspectos essenciais da definição do papel da geografia advogada por Hartshorne, são rastreados em sua leitura de Humboldt e Ritter. A ideia da unidade da natureza que compõe um todo e da manifestação diferencial dessa unidade que particulariza as áreas da superfície terrestre (ambas defendidas pelos dois eruditos alemães) são pressupostos amplamente assumidos pelo geógrafo estadunidense. Essa retomada histórica visa mobilizar uma espécie de “peso” de uma tradição de pensamento que teria, na leitura de Hartshorne, um período importante no momento em que os trabalhos desses dois eruditos foram publicados. A legitimidade da definição do papel da geografia que Hartshorne defenderá está amplamente baseada nessa genealogia histórica construída.

O “período clássico” no desenvolvimento da geografia deve para Hartshorne ser considerado como terminado em 1859 com as mortes de Humboldt e Ritter. O período que se instala após 1859 foi, no entendimento de Hartshorne, um breve interlúdio antes do último quartel do século XIX, período no qual houve um rápido desenvolvimento da geografia acadêmica na Alemanha. Esse período é considerado pelo autor o período crítico no desenvolvimento da disciplina. As importantes fundações que Humboldt e Ritter estabeleceram

<sup>9</sup> Tal concepção a respeito do significado da ideia de “natureza” contrasta fortemente com o que contemporaneamente a geografia física concebe como tal.

para a geografia, embora tenham deixado princípios fundamentais para o posterior desenvolvimento do pensamento geográfico, não proporcionaram um discurso disciplinar unificado (Hartshorne, 1939, p. 86).

A atmosfera científica que se estabeleceu a partir do final do século XIX na Alemanha era pouco receptiva para os conceitos deixados por Humboldt e Ritter. O novo ponto de vista intelectual que estava em gestação era caracterizado por uma crescente especialização das ciências e por uma emergente ênfase na busca de leis científicas. Subjacente a esse novo contexto intelectual, havia também, um novo pressuposto filosófico de um universo materialista e mecânico, no qual o homem deveria ser estudado como uma “coisa” material (Hartshorne, 1939, p. 86).

Hartshorne argumenta que a mudança no pensamento geográfico rumo a um novo período, distinto do período dos trabalhos de Humboldt e Ritter, é geralmente considerada, pelos geógrafos alemães, como decorrente primeiramente dos trabalhos de Oscar Peschel, Ferdinand Von Richthofen e Friedrich Ratzel (Hartshorne, 1939, p. 88-89). Embora o autor faça referências aos trabalhos de todos esses eruditos do final do século XIX, o ponto culminante da genealogia histórica construída em *The Nature* e a defesa das posições mais próximas às concepções nas quais geógrafo estadunidense se perfila estão na análise da obra do geógrafo alemão Alfred Hettner (1859-1941), autor que para Hartshorne ofereceu uma formulação lógica bastante clara para o conceito da geografia que vinha se desenvolvendo até então (Hartshorne, 1939, p. 98).

Para Hartshorne, a geografia alemã das primeiras décadas do século XX tinha um grau de unidade muito grande a respeito de seus conceitos fundamentais, e as discussões introduzidas por Hettner desde pelo menos 1898,<sup>10</sup> que conduziram o geógrafo alemão a publicar uma grande obra em 1927,<sup>11</sup> passaram a ser tidas como clássicas na geografia, e como referências centrais da discussão teórico-metodológica da disciplina por parte dos geógrafos alemães, exercendo também influência fora da Alemanha (Hartshorne, 1939, p. 98).

Hettner estava apoiado largamente nos esforços de Richthofen, Humboldt e Ritter para fundamentar suas posições teórico-metodológicas. Em seu artigo de 1958, intitulado “The concept of Geography as a Science of Space from Kant and Humboldt to Hettner”, Hartshorne tenta demonstrar a existência de uma linha de continuidade entre os autores que entende serem os propositores do conceito fundamental da geografia como uma ciência corológica da superfície terrestre, elegendo Alfred Hettner como o portador legítimo e o condensador da proposta de geografia que já havia sido esboçada por seus antecessores. Valendo-se desse dispositivo de legitimação no campo que é a reconstrução histórica com o objetivo de indicar o estado da arte na discussão sobre o propósito da disciplina, Hartshorne está difundindo uma genealogia consagrada de pensadores com vistas à classificação e seleção dos trabalhos indicados como mais e menos relevantes,<sup>12</sup> privilegiando assim as contribuições deixadas por

10 Hettner fundou a revista *Geographische Zeitschrift* em 1895 e, em 1898, publicou nela um exame sucinto do desenvolvimento da geografia que forneceu a base para a série de ensaios metodológicos que se iniciariam em 1903 e apareceriam intermitentemente ao longo de seus quarenta anos como editor (Hartshorne, 1939, p. 139).

11 Intitulada *A geografia, sua história, sua essência e seus métodos*.

12 Devemos essa ideia ao estudo de Grynspan (1999), que demonstra como as apropriações de autores clássicos, ou tidos como clássicos, no caso da Teoria das Elites que é estudada pelo autor, são fundamentais para a obtenção de

Hettner. A reconstrução seletiva do desenvolvimento histórico do pensamento geográfico serve como uma espécie de prova documental para ratificar a disposição pessoal em defender posições alinhadas a Hettner.

Segundo Hartshorne, quando considera a determinação lógica do propósito da geografia, Hettner procede, de maneira análoga a Kant, não a partir da consideração de ramos científicos particulares, mas a partir da visão de todo o sistema das ciências (Hartshorne, 1939, p. 140). O geógrafo alemão defende que a realidade é tridimensional, e que, portanto, os cientistas devem examiná-la através de três diferentes ângulos para compreender o todo. Do primeiro ângulo de análise veremos as relações de fenômenos similares (estudadas pelas ciências sistemáticas), do segundo de acordo com o seu desenvolvimento no tempo (estudadas pelas ciências históricas), e do terceiro de acordo com o arranjo e a divisão no espaço (estudadas pelas ciências corológicas) (Hartshorne, 1939, p. 140).

Hettner acredita que a perspectiva corológica seria justificada pelo fato de que existem relações causais entre os diferentes locais da superfície terrestre e entre os diferentes fenômenos que existem em um mesmo lugar. Na medida em que tais relações são compreendidas apenas incidental ou incompletamente pelas ciências históricas ou sistemáticas, tal esforço de compreensão pelo ângulo corológico só poderia ser satisfeito, segundo Hettner, pelo desenvolvimento da geografia (Hartshorne, 1939, p. 142). Hartshorne adere largamente a essa justificativa de Hettner para a necessidade da existência da geografia como ciência.

Para Hartshorne (1939, p. 462), a geografia é:

[...] uma ciência que interpreta as realidades da diferenciação de áreas do mundo, tais como elas são encontradas, não somente em termos das diferenças de certos elementos de lugar para lugar, mas também em termos da combinação total dos fenômenos em cada lugar, diferente daquelas que se verificam em cada um dos outros lugares.<sup>13</sup>

A preocupação de Hartshorne em explicitar a especificidade do ponto de vista corológico também tem relações bastante intensas com o contexto de intensificação da divisão do trabalho intelectual que se instala nos EUA durante a primeira metade do século XX. O apelo ao conceito corológico como um elemento distintivo de apreensão da realidade a partir de um ângulo geográfico, em certa medida, é um esforço de justificativa para a existência de uma disciplina que estava ameaçada pelas condições da divisão do trabalho intelectual que começam a se consolidar a partir da terceira década do século XX.

A demonstração de controle sobre o patrimônio das discussões teórico-metodológicas da disciplina e a difusão de uma representação meticulosamente fundamentada de seu passado foram as duas bases nas quais se assentou a autoridade que *The Nature of Geography* ganhou na comunidade geográfica estadunidense após sua publicação. Acreditamos que Hartshorne ofereceu uma sofisticada e erudita consideração das discussões teóricas

---

legitimidade quando se ingressa nesse campo de estudos. Acreditamos que, no caso estudado aqui, a demonstração de controle sobre os autores clássicos e mesmo a escolha de autores aceitos como “clássicos” são estratégias fundamentais para a consagração de *The Nature of Geography* como referência para as discussões teórico-metodológicas da geografia.

13 “[...] a science that interprets the realities of areal differentiation of the world as they are found, not only in terms of the differences in certain things from place to place, but also in terms of the total combination of phenomena in each place, different from those at every other place”.

da disciplina em um momento em que as condições do campo científico eram desfavoráveis para a geografia, e em que o círculo de ideias do pensamento geográfico estadunidense não tinha nenhuma obra que tratasse do tema com o rigor e a extensão de *The Nature of Geography*. Por outro lado, consideramos bastante justa a crítica de Neil Smith, quando este autor aponta o forte teor internalista da versão da história do pensamento geográfico que é apresentada na obra e o problema de uma atitude intelectual voltada apenas para dentro da disciplina que tal perspectiva do passado do pensamento geográfico pode desencadear (Smith, 1989, p. 95).

*The Nature of Geography* deu margem tanto a leituras que a concebem como obra de história do pensamento geográfico, como a leituras que a veem como um tratado metodológico (Entrikin, 1989, p. 3). Acreditamos que a genealogia histórica traçada nesta obra, ou igualmente, a versão da história do pensamento geográfico nela apresentada, é uma instrumentalização interessada do passado do pensamento geográfico com vistas a legitimar a posição do próprio Hartshorne. Logo, entendemos que a reconstrução histórica realizada na obra está subordinada à ambição maior de Hartshorne, que é definir a natureza da disciplina. A narrativa histórica que é elaborada visa reconstituir seletivamente a metamorfose do pensamento geográfico para justificar a posição pessoal de Hartshorne da geografia como ciência corológica e descartar outras posições que procuraram definir o escopo da disciplina, como é o caso da proposta que entende que a geografia é a ciência das relações homem-meio.

## O problema epistemológico central: a relação entre os enfoques sistemático e regional

Hartshorne ao estabelecer uma definição do papel da geografia defendendo que a disciplina deve preocupar-se com o inter-relacionamento de fenômenos que contribui para configurar a diferenciação de áreas do mundo clarificou, a partir de seu longo exame sobre o desenvolvimento histórico do pensamento geográfico, a especificidade epistemológica que deve caracterizar a disciplina de acordo com a sua posição. Uma das nossas hipóteses é que essa especificidade epistemológica defendida pelo autor entrou em tensão com a divisão do trabalho intelectual consolidada ao longo de toda a primeira metade do século XX que privilegiou o desenvolvimento das ciências sistemáticas. Na medida em que a especificidade epistemológica da disciplina teve de se afirmar perante a força das ciências sistemáticas, a geografia em suas fronteiras internas acabou reproduzindo algumas divisões próprias das ciências sistemáticas e teve de lidar constantemente com o problema metodológico da integração entre as diversas subdivisões sistemáticas da disciplina e os estudos regionais.

Diante de nossa hipótese colocada iremos analisar sucessivamente, daqui em diante, a maneira com que Hartshorne pensou os papéis da geografia sistemática, da geografia regional e a relação entre ambas em *The Nature of Geography*.

A forma mais simples de estudo em geografia sistemática é a consideração do caráter diferencial da superfície da terra em termos de qualquer elemento geográfico único. Tais elementos que são partes constitutivas das áreas da superfície terrestre são também estudados pelas disciplinas sistemáticas, e isso torna necessária, no entendimento de Hartshorne, a consideração da distinção entre os estudos sistemáticos feitos nas ciências sistemáticas e os estudos

sistemáticos realizados na geografia. Muitos estudos sistemáticos em geografia trabalham nas fronteiras da disciplina com ciências afins e embora os geógrafos devam, para o autor, estar familiarizados com os conceitos e métodos das disciplinas vizinhas, a sua utilização deve ocorrer a partir de propósitos ditados pelo ponto de vista da geografia concebido como um ponto de vista distinto do das ciências sistemáticas (Hartshorne, 1939, p. 413-414).

Para Hartshorne, todos os fatos da superfície terrestre são fatos geográficos, e a geografia deve abordar tais fatos sempre de acordo com a sua *significância geográfica*, isto é, sua relação com a diferenciação de áreas do mundo (Hartshorne, 1939, p. 372-373). O autor defende que a geografia não deve ser concebida como um ramo da ciência situado ao lado das ciências sistemáticas, mas como um ponto de vista científico que corta através de todas as ciências sistemáticas. Embora não exista uma linha rígida que separe a geografia das ciências sistemáticas, existe uma diferença essencial no ponto de vista que deve ser mantida pelo geógrafo para que o trabalho geográfico preserve sua especificidade e não se transforme em um trabalho de qualquer outra disciplina sistemática (Hartshorne, 1939, p. 414-415).

Apesar de reconhecer a necessidade de que o geógrafo conheça os métodos e os conceitos das disciplinas afins de que se utiliza para o seu trabalho sistemático, Hartshorne preocupa-se bastante com a forma como a geografia sistemática vai internalizar os conhecimentos de outras disciplinas sem sacrificar a particularidade de seu ponto de vista. Defende o estabelecimento de um regime de troca de conhecimentos entre a geografia e as ciências sistemáticas e, ao mesmo tempo, a especificidade do ponto de vista geográfico.

A função da geografia sistemática é prover o estudo sistemático da relação dos tipos específicos de fenômenos com a diferenciação total de áreas. Como as áreas do mundo diferem umas das outras em termos de um *complexo de elementos* heterogêneos mutuamente inter-relacionados, a interpretação completa das áreas individuais (que é a tarefa da geografia regional), requer uma separação analítica de todos os elementos que as compõem e uma observação dos princípios de relacionamento entre as categorias específicas de elementos. Essas operações intelectuais devem ser realizadas pela geografia sistemática (Hartshorne, 1939, p. 426).

Os *complexos de elementos* são associações inter-relacionadas de diversos elementos em áreas, independentemente do tipo. No caso de o mesmo complexo de elementos em integração ser encontrado em diferentes áreas, e de em muitos casos, tal complexo ser geograficamente significativo para a organização espacial das áreas onde se encontra, ele deve também ser estudado sistematicamente ao longo de todo o mundo ou de qualquer área extensa. Tais estudos, interconectando diferentes ramos da geografia sistemática, devem ser considerados como passos sucessivos que se iniciam no estudo de complexos de elementos singulares para o estudo do complexo total de uma área particular na geografia regional (Hartshorne, 1939, p. 428).

Na geografia regional, o conhecimento do inter-relacionamento de fenômenos que constitui a diferenciação de áreas da superfície terrestre, que é o objetivo central da geografia para Hartshorne, deve se particularizar, descrevendo e explicando como esse inter-relacionamento contribui para produzir configurações geográficas em áreas específicas do mundo.

Para estudar essas áreas específicas é necessário delimitar unidades de estudo, e o problema de dividir o mundo, ou qualquer parte dele, em subdivisões regionais para focar o trabalho é o problema mais difícil de organização na geografia regional. O método para prover

tal organização representa, para o autor, uma espécie de passo intermediário entre a geografia sistemática e a geografia regional. Os critérios basilares de qualquer sistema de divisão e subdivisão das áreas do mundo devem ser pautados pela ocorrência diferencial de elementos individuais ou de complexos de elementos ao longo das áreas.

Um sistema robusto para organizar a compreensão da geografia completa das variadas regiões do mundo deve ser baseado no caráter total das áreas, assim como, no papel que as áreas específicas menores consideradas exercem na composição da geografia de áreas mais amplas (Hartshorne, 1939, p. 466). Quando Hartshorne fala em “caráter total”, se refere à necessidade de compreender da forma mais completa possível, os elementos e complexos de elementos em integração que contribuem para configurar a geografia de uma determinada área e que a distinguem das outras porções de área. O caráter total que elucida a especificidade de uma área e a qualifica como uma região, deve ser sempre compreendido em sua relação com áreas (ou regiões?) maiores nas quais essa região específica se integra.

A edificação de um sistema de regiões específicas requer sempre a consideração de todos os elementos significantes para a composição da geografia de cada área em consideração. No entanto, o imperativo de olhar sempre para os elementos mais significantes para a constituição da geografia de uma área, esbarra no fato, reconhecido por Hartshorne, de que a determinação das divisões regionais em qualquer nível envolve um julgamento subjetivo para decidir quais elementos são mais e menos importantes para a organização espacial total de uma área, e mesmo para a determinação da similaridade ou dissimilaridade entre duas áreas diferentes (Hartshorne, 1939, p. 466). O autor assume uma postura racionalista salientando que as regiões são construções mentais do pesquisador e não dados da realidade a serem descobertos pela pesquisa.

Hartshorne considerou que os enfoques sistemático e regional eram complementares, indissociáveis e fundamentais para a explicação da diferenciação de áreas do mundo. Da mesma maneira que a ciência como um todo requer as ciências sistemáticas que estudam tipos particulares de fenômenos e as disciplinas de integração que estudam as formas pelas quais esses fenômenos relacionados são encontrados na realidade, a geografia necessita tanto dos métodos de estudo sistemáticos, como dos regionais para a compreensão de seu objeto de estudo (Hartshorne, 1939, p. 468).<sup>14</sup>

○ autor acredita que:

○ propósito último da geografia, o estudo da diferenciação de áreas do mundo, é mais claramente expresso na geografia regional; apenas mantendo constantemente sua relação com a geografia regional é que a geografia sistemática pode

---

14 De forma análoga a sua posição em *The Nature of Geography*, em sua obra *Perspective on The Nature of Geography*, de 1959, Hartshorne defende que o contraste entre as expressões “geografia sistemática” ou “geografia geral” e “geografia regional” não consiste na divisão da geografia em duas metades (Hartshorne, 1978, p. 152). Segundo o geógrafo brasileiro Fábio de Macedo Soares Guimarães, que assina o prefácio da tradução brasileira de 1978, essa obra não é uma síntese da de 1939, mas uma reconsideração de dez questões fundamentais presentes na primeira, visando responder às críticas que o autor recebeu nas décadas de 1940 e 1950. Dentre essas críticas, podemos destacar o discurso presidencial de Carl Sauer (1941) na AAG, em que há uma defesa da geografia histórica, e críticas a uma suposta negligência de Hartshorne com relação à questão da temporalidade na disciplina, e o artigo de Fred Schaefer (1953), em que se critica a importância que Hartshorne confere ao estudo de casos únicos na disciplina e é delineada uma proposta positivista que visa a adequação da geografia à busca de leis genéricas nos mesmos moldes das leis das ciências naturais.

servir ao propósito da geografia e não desaparecer no meio de outras ciências. Por outro lado, a geografia regional em si mesma é estéril; sem a contínua fertilização com os conceitos e princípios genéricos da geografia sistemática, não poderia avançar para os graus mais elevados de precisão e certeza na interpretação de suas descobertas (Hartshorne, 1939, p. 468).<sup>15</sup>

Como pudemos ver, a centralidade epistemológica do problema da relação entre os enfoques sistemático e regional é uma decorrência direta da forma como Hartshorne elabora, com base em uma pesquisa histórica extensa, sua definição do papel da geografia como disciplina que deve buscar compreender o inter-relacionamento de fenômenos variados que constituem as áreas da superfície terrestre. Embora seja muito clara e dê aos geógrafos um fundamento sólido, essa definição acabou colocando a disciplina numa situação de grande dependência em relação às que lidam com fenômenos mais especificamente delimitados e contribuiu para deixar a geografia numa posição pouco favorável no contexto da crescente intensificação da divisão do trabalho intelectual das décadas iniciais e de meados do século XX. A questão que fica é saber até que ponto as tendências mais recentes de afrouxamento das divisões disciplinares das últimas décadas do século XX e início do XXI (que não devem ser confundidas com uma extinção das disciplinas) podem revitalizar um projeto epistemológico que postula a integração de fenômenos heterogêneos estudados por diversas disciplinas através da unidade fornecida pelo princípio corológico.

## Referências

- BARNES, T. Geographical Intelligence: American Geographers and Research and Analysis in the Office of Strategic Services 1941-1945. *Journal of Historical Geography*, n. 32, p. 149-168, 2006.
- BOURDIEU, P. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Unesp, 2003.
- BUSHONG, A. Geographers and Their Mentors: A Genealogical View of American Academic Geography. In: BLOUET, B. (Org.). *Origins of Academic Geography in the United States*. Hamden: Archon, 1981. p. 193-220.
- CLAVAL, P. *Evolución de la geografía humana*. Barcelona: Oikos-tau, 1974.
- COSTA, W. M. *Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. São Paulo: Edusp, 2008.
- ENTRIKIN, N. Introduction: The Nature of Geography in Perspective. In: ENTRIKIN, N.; BRUNN, S. (Orgs.). *Reflections on Richard Hartshorne's The Nature of Geography*. Washington: Occasional Publications of the Association of American Geographers, 1989. p. 1-16.

15 "The ultimate purpose of Geography, the study of areal differentiation of the world, is most clearly expressed in regional geography; only by constantly maintaining its relation to regional geography can systematic geography hold to the purpose of geography and not disappear into other sciences. On the other hand, regional geography in itself is sterile; without the continuous fertilization of generic concepts and principles from systematic geography, it could not advance to higher degrees of accuracy and certainty in interpretation of its findings".

- GRYNSZPAN, M. *Ciência, política e trajetórias sociais: uma sociologia histórica da teoria das elites*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.
- HARTSHORNE, R. *Propósitos e natureza da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- \_\_\_\_\_. The Concept of Geography as a Science of Space, from Kant and Humboldt to Hettner. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 48, n. 2, p. 97-108, June 1958.
- \_\_\_\_\_. The Nature of Geography. *Annals of Association of American Geographers*, Lancaster, Pennsylvania, v. 29, n. 3-4, 1939.
- JOHNSTON, R. J. *Geografia e geógrafos: a geografia humana anglo-americana desde 1945*. São Paulo: Difel, 1986.
- KLIMM, L. The Nature of Geography: A Commentary on the Second Printing. *Geographical Review*, v. 37, n. 3, p. 486-490, July 1947.
- MARTIN, G. In Memoriam: Richard Hartshorne, 1899-1992. *Annals of The Association of American Geographers*, v. 84, n. 3, p. 480-492, Sept. 1994.
- RUGG, D. The Midwest as a Hearth Area in American Academic Geography. In: In: BLOUET, B. (Org.). *Origins of Academic Geography in the United States*. Hamden: Archon, 1981. p.175-192.
- SAUER, C. Foreword to Historical Geography. *Annals of The Association of American Geographers*, v. 31, n. 1, p. 1-24, Mar. 1941.
- SCHAEFER, F. Excepcionalism in Geography: A Methodological Examination. *Annals of The Association of American Geographers*, v. 43, n. 3, p. 226-249, Sept. 1953.
- SMITH, N. Geography as Museum: Private History and Conservative Idealism in The Nature of Geography. In: ENTRIKIN, N.; BRUNN, S. (Orgs.). *Reflections on Richard Hartshorne's The Nature of Geography*. Washington: Occasional Publications of the Association of American Geographers, 1989. p. 89-120.
- SOUZA, A. Serie's Editor Preface. In: ENTRIKIN, N.; BRUNN, S. (Orgs.). *Reflections on Richard Hartshorne's The Nature of Geography*. Washington: Occasional Publications of the Association of American Geographers, 1989.